

COMUNICAÇÃO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL E METODOLOGIA PARTICIPATIVA: PERCURSOS EXPLORATÓRIOS

Jane Mazzarino, Estêvão Polis, Alessandra M. B. Farias

Resumo: Este artigo analisa os sentidos produzidos em oficinas realizadas pelo projeto de extensão Comunicação para Educação Ambiental, o qual tem como objetivo gerar sensibilização ambiental a partir do uso de estratégias de comunicação. As ações são realizadas por meio de oficinas ministradas por equipe multidisciplinar para diversos grupos sociais da comunidade. Utilizamos um filme e duas cartilhas sobre o tema consumo e descarte consciente de resíduos sólidos domésticos. Estes materiais midiáticos servem de suporte para ações educativas comunitárias. A metodologia é participativa, orientada pelo método da pesquisa-ação proposta por Thiollent (2003). Os resultados esperados são a reflexão crítica sobre os temas ambientais e a sensibilização dos grupos sociais. Este artigo tem como objetivo analisar as produções de sentido criadas pelos participantes nestes momentos de reflexão.

Palavras-chave: Comunicação. Educação Ambiental. Metodologia participativa.

Abstract: This article analyzes the senses produced at workshops accomplished by the project of extension Communication for Environmental Education, which has as objective generates environmental sensibilização starting from the use of communication strategies. The actions are accomplished through workshops supplied by team multidisciplinar for the community's several social groups. We used a film and two spelling books on the theme consumption and discard conscious of domestic solid residues. These materials midiáticos serve as support for community educational actions. The methodology is participativa, guided by the method of the research-action proposed by Thiollent (2003). The expected results are the critical reflection on the environmental themes and the sensibilização of the social groups. This article has as objective analyzes the sense productions created by the participants on these moments of reflection.

Keywords: Communication. Environmental Education. Participatory methodology.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe-se a analisar os discursos produzidos em oficinas realizadas pelo projeto de extensão Comunicação para Educação Ambiental, que se baseia na execução de ações educativas mediadas pelo uso de tecnologias de informação.¹ Trata-se de um projeto que envolve alunos da Univates, bem como a comunidade do Vale do Taquari (público-alvo). As atividades constituem um instrumento de desenvolvimento da cidadania pela educação ambiental, conscientização social, sensibilização para problemas sócio-ambientais do entorno da comunidade e aprendizagem para a busca de soluções por meio da reflexão-crítica.

¹ O projeto Comunicação para Educação Ambiental está inserido no Programa de Ações Comunitárias – PAC – do Centro Universitário UNIVATES.

As ações são realizadas por meio de oficinas ministradas por equipe multidisciplinar para diversos grupos sociais da comunidade (associações, escolas, comunidades de bairro etc.). Utiliza-se da informação ambiental produzida pela equipe do projeto em 2007 – um filme e duas cartilhas - sobre o tema consumo e descarte consciente de resíduos. Esses materiais midiáticos servem de suporte para ações de educação ambiental realizadas a partir da metodologia participativa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O projeto Comunicação para Educação Ambiental propõe-se a ser espaço de comunicação alternativa, paralela aos espaços midiáticos, que se baseia na intervenção social, com o fim de debater os problemas socioambientais contemporâneos e as práticas sustentáveis que podem ser incorporadas no cotidiano de cada um. A proposta está articulada com as mudanças sociais e paradigmáticas contemporâneas.

Loureiro (2002) considera a educação ambiental elemento estratégico na consciência crítica das relações sociais e de produção que envolvem humanos e a natureza. Ele segue a linha de pensamento de Paulo Freire, para quem os seres humanos se educam reciprocamente e mediados pelo mundo. Dessa forma a educação é um ato político, um espaço de atuação humana e de formação. Produzir significados sobre o mundo a partir da educação é um fazer político, da mesma forma como os atos e consumos constituem-se em posições políticas.

Ainda segundo o autor, a dimensão política é intrínseca à educação, já que o saber técnico é parte do controle social e político da sociedade, assim como as relações sociais possibilitam percepção crítica do educando e da sociedade, podendo compreender sua posição e interação social. As interações sociais no processo educativo – seja ele formal, não formal ou informal - são atos políticos, espaços pedagógicos de exercício da cidadania. Para Loureiro (2002, p. 69),

A educação ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade da vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza.

Lima (2002, p. 133 - 134) propõe uma educação ambiental que incorpore “[...] mecanismos de comunicação, informação, de participação e de influência dos destinos coletivos”. Da mesma forma, entende-se que as tecnologias de informação são aliadas para a construção de saberes ambientais a partir da educação ambiental. Segundo Sato e Carvalho (2005, p. 12), a educação ambiental “[...] pode ser uma preciosa oportunidade na construção de novas formas de ser, pensar e conhecer que constituem um novo campo de possibilidades de saber”.

Esta oportunidade de construção de conhecimento no projeto de Comunicação para Educação Ambiental se dá por meio de estratégias de comunicação, tanto midiáticas (via cartilha e vídeos de apoio) como por meio da comunicação face a face (por meio das oficinas participativas).

Os mediadores das oficinas tiveram por pressuposto as teorias comunicacionais que colocam o receptor em um lugar ativo, ou seja, entendendo que o destinatário também é criador da mensagem que recebe, a qual tem seu sentido atrelado ao uso social que lhe é dado e às situações de seu uso.

Em interação, os atores fazem transposições entre dimensões diferentes da realidade. Por isso a interação compreende um trabalho de construção da realidade, exigindo que os interlocutores façam acertos sobre sentidos, pactos, contratos que vão definindo a pertinência dos sentidos. Aí está o espaço de luta simbólica de que trata Bourdieu (1974, 1989).

Conferir sentidos ao desenrolar das ações e dos discursos que os indivíduos trocam entre si define a identidade dos papéis que eles representam. É na relação que estabelecem entre si, na geração e aceitação das regras do processo comunicacional, no decurso da relação ou no espaço-tempo da relação que estabelece os sentidos, que estes são pactuados, que se dá a comunicação enquanto experiência cultural.

Bateson interpreta os intercâmbios pessoais como contextos de aprendizagem, nos quais é preciso considerar a aprendizagem da comunicação como uma série de contextos encaixados. Daí a sua complexidade. “La corriente comunicacional es una serie ordenada de contextos a la vez de aprendizaje y aprendizaje del aprendizaje” (BATESON, 1996, p. 148). Para Bateson (1996, p. 140),

[...] la operación de comunicación es un aprendizaje permanente de la manera de comunicar-se: los códigos y los lenguajes no son sistemas estáticos que puedan aprenderse de una vez por todas. Son más bien sistemas de modificación de las convenciones y las premisas que gobiernan la manera en que los mensajes deben ser elaborados e interpretados...la corriente permanente de la comunicación es para cada individuo una cadena continua de contextos de aprendizaje y, mas particularmente, de aprendizaje de las premisas de la comunicación.

O indivíduo não se comunica, mas toma parte da comunicação, na qual se converte em seu elemento. Não é autor da comunicação, participa dela, que deve ser compreendida como intercâmbio.

A socialização das pessoas, a partir da sua participação em grupos sociais, cumpre papel-chave na estruturação de seu acesso aos códigos culturais. Essa adesão a novos grupos sociais reconfigura discursos, reestrutura práticas e as atividades

interpretativas. As oficinas de Comunicação para Educação Ambiental buscam a partir da interação comunicacional mediadas pelos temas ambientais e por produtos midiáticos de conteúdo ambiental a mudanças em alguns códigos culturais que se referem à relação entre sociedade e natureza, de modo a torná-la mais sustentável. Ou seja, o objetivo é reconfigurar discursos e reestruturar práticas não sustentáveis ecologicamente, a fim de desencadear novas atividades interpretativas no cotidiano, a partir de atos simples como o descarte apropriado dos resíduos sólidos domésticos.

3. METODOLOGIA

O projeto deste estudo utiliza-se da metodologia participativa. A escolha pela investigação participativa está orientada pelo método da pesquisa-ação proposto por Thiollent. Segundo Thiollent (2003, p. 14.), esta forma de pesquisa desempenha papel importante para os envolvidos em questões problemáticas.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

Nesse método de pesquisa todos os participantes atuam no diagnóstico da situação, na escolha das prioridades e dos procedimentos escolhidos. Thiollent salienta que a pesquisa-ação é um instrumento de investigação apropriado para pequenas e médias coletividades, nas quais tem valor especial os aspectos sociopolíticos, mais que as relações interpessoais. A pesquisa-ação não despreza a pesquisa teórica, mas a base para a busca teórica é dada pelo empírico, a partir da descrição de situações concretas e da ação orientada para a transformação dos problemas da realidade da coletividade.

Segundo Thiollent (2003, p. 15), “[...] os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas.” Os objetivos da pesquisa-ação são a resolução de problemas e a produção de conhecimento e de consciência crítica sobre dada situação, tanto pelos pesquisadores quanto pelo grupo envolvido.

Thiollent salienta que a atitude dos pesquisadores deve ser de escuta e mediação na busca de soluções aos problemas observados, sem imposição de suas concepções. O conhecimento gerado no processo de resolução dos problemas a partir deste método deve ser incorporado como ganho de informação em relação à determinada situação.

Na prática as oficinas de Comunicação para Educação Ambiental iniciam com a apresentação dos mediadores, logo após se apresentam as etapas da oficina: troca de ideias, apresentação de filme, nova troca de ideias, avaliação, distribuição das cartilhas.

A troca de ideias inicia com a solicitação aos participantes do grupo que expressem sua vivência em relação ao tema gerador. A partir das falas dos participantes identificam-se quais dessas vivências podem ser caracterizadas como problemas. Em seguida busca-se identificar as causas desses problemas, relacionando-as às dimensões do saber ambiental às quais se atrelam (cultural, política, econômica, ética, comunicacional-midiática, tecnológica, natural, social). Após essa reflexão crítica se expõe um vídeo de 10 minutos produzido pela equipe do projeto entre 2007 e 2008, intitulado *Lixo: a origem em cada um de nós*. O vídeo aborda os caminhos do lixo desde o consumo no ambiente de um supermercado, passando pelo descarte dos resíduos do consumo em casa, o destino para a composteira ou o descarte na rua, onde é recolhido por catadores ou por caminhão da coleta seletiva, a chegada dos resíduos na unidade de triagem, sua separação pelos associados de uma cooperativa, o enfardamento ou destino à célula do aterro de triagem, e o tratamento do chorume resultante do aterramento. Após o vídeo, retoma-se a reflexão, a partir da necessidade de propostas de solução, e como cada um pode participar das soluções apresentadas. Neste momento espera-se que ocorra a sensibilização para a responsabilização do participante em relação ao seu consumo e os descartes oriundos do consumo, a fim de que este seja feito de forma consciente e sustentável. Após este momento distribui-se as cartilhas com dados sobre os resíduos (tipos de lixo, tempo de decomposição, formas de coleta seletiva, como produzir menos lixo, como fazer uma composteira etc.) e sobre consumo consciente (como diminuir o uso dos recursos naturais: água, energia...). Por fim, faz-se uma avaliação do processo.

A partir das produções de sentido realizadas nas oficinas procede-se a análise de conteúdo, a fim de identificar palavras-chave de um conjunto de significados explícitos nos discursos dos informantes. Segundo Bardin (1977, p. 42), a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A análise de conteúdo baseou-se nos sentidos produzidos por três grupos: alunos de Ensino Fundamental, alunos de Ensino Médio e Misto. O grupo denominado misto é constituído por alunos da Escola de Jovens e Adultos, professores, crianças, moradores de bairro.

4. ANÁLISES DO PROCESSO DAS OFICINAS

De maio a julho de 2008 foram realizadas 31 oficinas de sensibilização ambiental, das quais 12 foram com alunos do Ensino Fundamental, 13 com alunos do Ensino Médio e seis com público misto. As análises dos discursos produzidos pelos participantes das oficinas referem-se a sete categorias: participação nas oficinas, problemas e suas causas, vivências em relação aos resíduos, diferenciação dos tipos de lixo, coleta seletiva e soluções.

a) Participação nas oficinas

Observa-se que o público mais interativo foram os alunos do Ensino Fundamental, por terem sido mais desembaraçados e receberem de forma bastante espontânea a metodologia apresentada. Além disso, demonstraram conhecimento sobre o tema quando foram abordadas as vivências.

De modo geral, os alunos do Ensino Médio também compartilharam suas ideias. Notou-se que já apresentavam conhecimento sobre o assunto desenvolvido, mas muitas vezes demonstravam certa falta de interesse, ao contrário do Ensino Fundamental.

O público misto foi o que menos participou e os que compartilhavam ideias eram sempre os mesmos. Esta característica da participação pode estar relacionada com o fato de eles já terem assistido palestras sobre o mesmo assunto, promovida por outras organizações, e por não estarem acostumados com a metodologia apresentada.

b) Problemas e suas causas

Os problemas mais indicados no decorrer do processo foram enchentes, doenças, poluição e sujeira. A enchente foi citada em grupos de Lajeado, cidade propícia a problemas de alagamentos, os quais trazem o lixo. As doenças também foram citadas como consequência das enchentes. Quanto à sujeira, estava relacionada ao lixo depositado em local inadequado.

Também foram identificados problemas em relação aos animais (cachorros e gatos), que mexem nas lixeiras, deixando os resíduos espalhados pelo chão, causando cheiro desagradável. Já em relação a produtos destinados para o lixo, os que mais causam problemas ambientais, segundo os participantes, são fraldas descartáveis e papel higiênico.

As reclamações foram unânimes em relação aos catadores. Mesmo reconhecendo que também fazem parte da solução para o aproveitamento do lixo, bem como uma fonte de renda para quem trabalha com a coleta, os participantes manifestaram insatisfação em relação à maneira de como os catadores trabalham nas lixeiras, deixando os sacos de lixo abertos e os resíduos espalhados pelo chão.

Os três grupos identificaram como causas dos problemas a falta de consciência da população, falta de educação, de tempo, de atitude e de costume, além do consumismo. Os grupos lembraram que se paga caro pelas embalagens diferenciadas, e que há produtos que chegam a ser embalados duplamente para diferenciar-se de outros, caso das caixinhas de chás, citadas pelos participantes. As bandejinhas de isopor, utilizadas de forma exagerada, também foram lembradas. Os participantes afirmaram que as crianças e os jovens estariam mais suscetíveis à compra pela aparência das embalagens.

Outras causas citadas como problemas do lixo foram o crescimento demográfico, políticas públicas e recursos naturais abundantes. Já as doenças - como a leptospirose, dengue e tétano - foram lembradas também como consequências do acúmulo de lixo.

c) Vivências

Os três grupos participantes relataram diferentes tipos de vivências em relação aos resíduos sólidos domésticos. Entre os participantes do Ensino Fundamental o aquecimento global foi a vivência relacionada com o lixo mais citada. Outras referências importantes foram a poluição das águas, esgoto, poluição, poluição do solo, desmatamento, queima de lixo, devastação ambiental, poluição do ar, lixo no rio, destruição da camada de ozônio, contaminação, lixo na natureza. Os participantes de Ensino Médio citaram de forma predominante vivências do lixo relacionadas com a poluição da água, seguida pela poluição do solo e ar. As vivências dos grupos dos Ensinos Médio e do Fundamental foram basicamente as mesmas. Esta recursividade construída sobre os temas ambientais aponta que o universo simbólico da escola está sendo determinante nas produções de sentido desses grupos.

Já o público misto identificou vivências relacionadas à poluição, não ficando atrelado apenas à problemática do lixo, mas lembrando dos problemas ambientais em geral. Das vivências relacionadas ao lixo citaram predominantemente a poluição do solo, seguida da poluição das águas.

Uma surpresa no processo das oficinas foi constatar que a maioria das pessoas não tinha noção sobre a quantidade de lixo que uma pessoa produz por dia. A resposta à questão: Quanto de lixo você calcula que produz diariamente? Variou em todos os grupos, de 700 gramas a 32 quilos.

d) Diferenciação dos tipos de lixo

A maioria dos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio soube diferenciar os lixos seco e orgânico. Em algumas escolas os participantes relataram experiências de reciclagem de lixo que resultam em obras de arte ou de aprendizado de nova língua a partir de palavras relacionadas aos temas ambientais.

Alguns alunos declararam que já costumam separar o lixo na escola e em suas casas. Devido aos trabalhos de conscientização e sensibilização realizados na escola acabaram repassando os conhecimentos adquiridos aos familiares, e hoje estão mais atentos aos problemas que o lixo pode causar ao meio ambiente.

Outros, mesmo sabendo das consequências maléficas que a mistura do lixo pode causar e dos benefícios que a correta separação pode trazer, afirmaram que ainda não criaram o hábito da separação, e declararam que é pelo fato de serem acomodados, pois informação não lhes falta sobre o assunto. Assumiram, porém, um comprometimento maior em relação a esta questão a partir das oficinas. Portanto, neste item os dois grupos de participantes tiveram um discurso comum.

Já o público misto demonstrou encontrar maior dificuldade para separar o seu lixo. Os participantes afirmaram que falta tempo e organização. Além disso, consideram que ter mais de uma lixeira em casa é algo “anti-higiênico”, já que resultaria em volume maior de lixo e cheiro desagradável. Outros discursos observados nas oficinas indicam que as empregadas não costumam separar e mesmo se separassem não resolveria o problema, pois os dias e horários da coleta seletiva eram pouco conhecidos.

e) Coleta seletiva

Somente alguns participantes, principalmente os adultos, tinham conhecimento dos dias e horários da coleta seletiva em seu bairro. Mesmo aqueles que afirmam separar o lixo solicitaram esclarecimentos. Durante as oficinas observou-se que os moradores têm muitas dúvidas sobre o processo de coleta seletiva.

Pessoas que juntam materiais para serem reciclados e vendidos estocavam, segundo eles, com cuidado, nos fundos de suas casas. Porém, agentes da Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Lajeado aconselharam a não deixar mais que uma semana o lixo seco estocado, a fim de evitar focos de proliferação do mosquito da dengue. Assim sendo, as pessoas que realizavam tais atividades sentiram-se desmotivadas, pois além de perderem o lucro, consideraram que segundo as normas estariam deixando de colaborar com a limpeza e o meio ambiente.

As falas dos participantes de modo geral identificam problemas na coleta seletiva que seriam causados pelos catadores de lixo. Alguns participantes afirmaram que lhe falta capricho ao realizarem seu trabalho, quando após pegarem o que lhes interessa deixam os sacos de lixo abertos, causando a proliferação de ratos, mosquitos e o aumento da presença de cachorros nas lixeiras.

Muitos dos participantes das oficinas não observam os horários para dispensar seu lixo nas lixeiras. Sabe-se que, na coleta diária, o caminhão sempre passa em

torno do mesmo horário. Seguidamente, quando o lixo recentemente foi recolhido, as pessoas colocam sacos nas lixeiras, fazendo com que eles permaneçam ali até nova coleta.

f) Soluções

Os participantes do Ensino Fundamental identificaram como soluções predominantes a reciclagem e a compostagem. Para os grupos do Ensino Médio e misto a solução mais citada foi a reciclagem.

Entre as sugestões para os problemas que teriam como causa a ação dos catadores, os grupos apontaram como solução a formação de associações para os catadores de lixo e cursos de preparação para o trabalho da catação.

No grupo do Ensino Fundamental, apesar de terem listadas menos soluções, os participantes demonstraram estar conscientes da importância da separação do lixo para o meio ambiente e se dizem engajados de alguma forma com a questão nas escolas. Eles tinham conhecimento dos problemas, das causas e consequências dos problemas relacionados ao lixo.

Os participantes do grupo misto, formado predominantemente por moradores adultos, mostraram maior preocupação com as soluções individuais e públicas, o que fez com que a coleta seletiva fosse a questão mais debatida. Os participantes apresentaram muitas reclamações referentes aos serviços prestados pela prefeitura. Muitos participantes deste grupo confundem o caminhão da coleta seletiva, que passa semanalmente, com o da coleta diária. Eles afirmaram que antes eles diferenciavam-se, pois o caminhão da coleta seletiva tocava uma sineta, o que não acontece mais.

Mesmo que a maioria dos grupos demonstrasse preocupação com a separação do lixo doméstico, seu discurso apontou que há falta de informações sobre os dias, turnos, horários da coleta seletiva. O discurso dos participantes explicita que não há disseminação de informação adequada aos usuários da coleta seletiva. Eles sugeriram que os meios de comunicação divulguem mais notícias referentes ao assunto, principalmente por meio do rádio e nos seus programas de maior audiência. Outra sugestão foi o envio de folhetos informativos para a população do município sobre a importância da coleta seletiva e seus horários, o que pode ser feito com envio direto para as caixas de correspondência.

Os idosos são os que mais se preocupam em aproveitar o lixo orgânico, pois a maioria tem horta em casa. Já em relação ao lixo seco, estes participantes não possuem maiores preocupações com o destino. Acredita-se que esta falta de preocupação esteja relacionada à época em que eram mais jovens, quando o volume de resíduos que se produzia não se comparava com o volume atual. Os discursos

deste público demonstram que sentem necessidade de colaborar e de fazer a sua parte, contribuindo para com um mundo melhor para as gerações futuras. Esta foi uma fala recorrente entre alguns idosos que participaram das oficinas.

Os participantes do Ensino Médio demonstraram estar mais conscientizados em relação à importância da separação do lixo seco e orgânico. Ocorre, porém, que a maioria não está preocupada em separá-lo, ou seja, entende a importância, mas ainda não se responsabiliza por não se sentir estimulada. Seu discurso explicita que simbolicamente sentem-se como se só eles estivessem fazendo sua parte, e, por isso, nem eles o fazem. Suas falas apontaram ainda que percebem a existência de interesses econômicos na interação entre consumo e resíduos, e que a sociedade está pagando pelo sistema de consumo. Para eles, uma postura diferenciada por parte de cada cidadão, melhoraria muito esta questão, mas observaram que a sociedade está cada vez mais vinculada ao consumismo. Tudo está mais fácil, dizem eles. Tudo é mais prático. O mundo dos produtos descartáveis facilitou a vida das pessoas, mas, por outro lado, prejudicou demasiadamente o meio ambiente.

Observou-se que nas escolas onde os alunos têm menor poder aquisitivo a preocupação com o destino dos resíduos é maior do que nas escolas de classe média ou alta. Os alunos de menor poder aquisitivo vivenciam diretamente os problemas causados pela falta de conscientização e sensibilização ambiental, o que acaba determinando preocupação maior com o destino dos resíduos sólidos domésticos. Isto porque são os próprios elementos da família que separam ou não o lixo familiar, enquanto nas classes mais favorecidas existem empregadas domésticas que acabam se responsabilizando por esse trabalho. Assim, a participação direta pode servir como estímulo para que todos se relacionem de forma mais adequada com os resíduos que produzem.

Após a apresentação do vídeo, os participantes dos Ensinos Médio e Fundamental apresentaram soluções mais pontuais para o problema dos resíduos: separar o lixo de forma adequada; diminuir o consumo de embalagens; conscientizar-se; usar sacolas de pano em substituição às de plástico; utilizar-se da compostagem; promover políticas de controle da natalidade; aprovar leis mais rígidas com a aplicação de multas mais elevadas; pôr em prática o conhecimento por meio da educação ambiental; investir em asfalto ecológico; recolher as pilhas; usar *pen-drive* ao invés de CDs descartáveis; contratar mais agentes ambientais para a fiscalização; voltar a usar garrafas de vidros ao invés das pet; usar sabões caseiros; produzir biogás; utilizar os dois lados do papel; melhorar a infraestrutura do aterro sanitário; proporcionar educação ambiental a todos; valorizar quem trabalha com o lixo; promover políticas públicas interligadas para solução dos problemas; rever conceitos; valorizar as embalagens.

Entre os alunos do Ensino Fundamental observou-se que já está introduzido em seu comportamento diário a conscientização ambiental, mas não foi identificado no seu discurso percepção que nem todas as pessoas estão tão informadas quanto eles. Este grupo apresentou como soluções, após assistirem ao vídeo educativo produzido pelo projeto Comunicação para Educação Ambiental: comprar em embalagens maiores; investir em novas tecnologias; vender o lixo seco; colocar lixeiras em locais públicos; ter atitude; descartar corretamente pilhas, baterias, lâmpadas e outros tipos de lixo; procurar consumir mais os produtos ambientalmente corretos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou sobre o processo de comunicação para educação ambiental com uso de metodologia participativa. Como o título refere, as análises são ainda exploratórias e sobre o período dos primeiros três meses de realização do projeto de extensão. Neste curto espaço de tempo observou-se, durante as 31 oficinas realizadas com cerca de 900 participantes, que a temática desperta interesse, que há preocupação com o tema dos resíduos sólidos, que algumas iniciativas estão sendo experienciadas para minimizar os problemas cotidianos atrelados ao “lixo nosso de cada dia”. No entanto, ainda não há a responsabilização dos produtores de resíduos domésticos. Muitos dizem desconhecer o calendário da coleta seletiva, solicitam informações, mas não as buscam.

Tanto nas escolas como noutros grupos sociais houve manifestação de interesse na participação em novas oficinas, como de produção de sabão a partir da reutilização de óleo de cozinha e de composteiras caseiras. O interesse maior partiu dos jovens e adultos. Esse interesse talvez venha a determinar caminhos para o próprio projeto, passando de oficinas pontuais para um trabalho continuado com os grupos, efetivando-se como um projeto de comunicação para educação ambiental.

Outras repercussões das oficinas realizadas foram a motivação percebida entre os professores dos alunos participantes, que pretendem dar continuidade ao tema discutido, realizando trabalhos complementares, como: produção de textos; criação de jogos relacionados ao meio ambiente, aterro sanitário, e outros; confecção de cartazes sobre o assunto em estudo; estudos relacionados ao meio ambiente envolvendo as demais disciplinas que compõem o currículo escolar.

De modo geral, as oficinas geraram comprometimento verbal por parte dos participantes em colaborar com a limpeza e com o meio ambiente. Considera-se que está sendo alcançado o objetivo de sensibilização ambiental para mudanças sustentáveis no cotidiano. Mas pode-se avançar. E os novos percursos do projeto vão se delinear com a participação dos grupos; nada mais coerente.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, [s.d.]. ①
- BATESON, G. Comunicación. In: WINKIN, Y (Org.). **La nueva comunicación**. 4. ed. Madrid: Kairós, 1996. ① ②
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974. ①
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. ①
- LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de, (Orgs). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. ①
- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; ① ②
- SATO, Michele; CARVALHO, Isabel. **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005. ①
- THIOLLENT, Michel **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994. ① ② ③